

FRANZ KRAJCBERG: UM CIDADÃO PLANETÁRIO

Adriana Teixeira de Lima ¹

Adriana - Em uma reportagem concedida ao Jornal Lux ano II nº 536 de 24/08/1986 você diz sentir falta no Brasil de artistas que façam uma arte realmente brasileira. Na sua opinião que tipo de arte e quais artistas, hoje, produzem uma arte com a “Cara do Brasil”?

Krajcberg - Bem...que tipo de arte é muito difícil de dizer...a arte brasileira eu acho que... a expressão é errada...eu acho nós fazemos arte no Brasil...como tem muitos talentos no mundo inteiro...então se faz arte dizemos...no país...mas a arte é geral, é internacional. Não tem tipicamente a arte brasileira, o que tem alguns artistas que foram como a Tarsila, e como não foram muito que fizeram, mais ou menos, pouquinho arte do Brasil. E a arte em si...ela depende o que estado, que situação está o mundo, nós estamos numa situação...a entrada no século XXI e a entrada foi bastante vazia, por várias razões: primeiro, foi e é a revolução tecnológica científica, segundo, um vazio absoluto político e terceiro, é a primeira vez que nós temos a preocupação com a saúde do planeta e a arte está aqui...pra abrir a porta e entrar como entramos no século XX. Mas século XX foi diferente...a grande parte dos artistas com o movimento que chegava da Rússia, a grande parte tava na Sibéria, porque participaram ao mesmo tempo politicamente, então a entrada foi muito movimentada para criar uma nova entrada no século XXI. Hoje em dia, até agora tá lá esse vazio que o mercado deixou, que exagerou muito,...o mercado foi muito alto demais. E ele que lançava dizemos os artistas, às vezes sem expressão nenhuma. Quanto mais eles vendiam mais o preço subia e o artista foi mais ou menos conhecido no mundo e as vezes com vazio absoluto. Então a arte em si não é mais brasileira, francesa ou americana. Americano tinha momento que eles diziam que arte é americano, mais se a gente faz uma análise, não tem nada americano porque tudo foi...dizemos um com o outro a influencia enorme, então na realidade é isso, a entrada pro novo século esperamos...que vão abrir as portas e os talentos vão começar a se aproximar da realidade do novo século.

Adriana - Como você definiria atualmente “A Cara do Brasil”?

Krajcberg - Bem, a realidade eu perdi ultimamente...eu perdi completamente...dizemos o movimento artístico dos mais jovens, mas tudo que tô vendo na televisão, na Bienal (2006), há um vazio absoluto, o jovem talento faz coisas que a arte quer, mas não tem nada com a realidade plantada nesse novo século.

Adriana - Na entrevista concedida ao Jornal Tribuna do RJ de 17/02/1987, você relata que teve uma intoxicação e foi para Minas à procura de uma saída, foi quando fez quadros de pedras. A opção pela utilização de pigmentos naturais é devida a este fato? Por opção profissional, estética ou ecológica?

¹Artista Plástica, Mestranda em Educação pela Uniso. E-mail: adrianteixeiradelima@yahoo.com.br

Krajcberg - Bem, tinha fato que foi intoxicação. Como foi Portinari, que foi violento. Com Portinari ele faleceu jovem. Eu me intoxiquei com as tintas, eu pintava quando cheguei do Paraná para o Rio, eu pintava e como eu dormia no mesmo quarto, acho que a tinta foi muito forte e foi intoxicando e fui obrigado abandonar a pintura e aí procurava outros meios de me exprimir. Até chegar dizemos...das grandes viagens na Amazônia e no Paraná, foi um sentido de uma segunda guerra que comecei a participar porque o fogo tava em todo lugar, a destruição tava em todo lugar, nas florestas...então isso me influenciou muito a mudança, para participar mesmo, com a minha revolta contra essa barbaridade que praticaram no século XX. Bem eu acho que a pergunta não está isso que faço. Primeiro eu não tô preocupado em fazer uma arte ecológica, na realidade eu gostaria de me exprimir a minha revolta. E como me exprimir...se eu começo a gritar dizemos...querendo me exprimir...me botam no hospital de doido, então o único meio que eu queria me exprimir vendo ainda no Brasil a destruição. Aí eu abraçava tudo o que o fogo deixava ainda, pra me exprimir com ele a minha revolta contra essa matança da vida, porque a vida não é só homem, então... é isso que foi minha direção para mostrar a minha luta pela vida.

Adriana - Porque você escolheu o Brasil para viver entre tantos outros países e que inclusive ofereceram melhores condições de trabalho e apoio financeiro?

Krajcberg - Isso é uma história muito longa, isso é uma história muito vivida pela guerra, pelo racismo pelo histórico. Na realidade, eu depois da guerra, me senti completamente perdido... completamente perdido...e não sabia onde eu posso fugir da Europa e não ver mais essa brutalidade que aconteceu na II Guerra Mundial. Então aconteceu...que eu morava nessa época com Chagall, em Paris e aconteceu que tinha uma oportunidade de acompanhar...porque mulher solteira não pode viajar para o Brasil sozinha e eu acompanhei como se tivesse que casar aqui no Brasil com ela. Foi uma Húngara, ela pagou minha passagem e eu não sabia se o Brasil ou não Brasil. Ela viajou em primeiro e eu terceiro, eu nunca mais vi essa moça... nem no navio. Assim cheguei no Brasil. Então com dificuldades enormes, sem saber falar, sem dinheiro, sem conhecer ninguém, foi um triste episódio...mas tava acostumado... Saí da guerra a gente se acostuma com tudo. Fiquei quatro anos e meio na guerra, então o Brasil foi isso. E como a gente nasce nesse planeta, eu acho que a gente tem direito de viver em onde pode viver, em onde quer viver, agora como há essa preocupação de países, de raças, de tudo isso, sem dúvida quem faz isso para separar é o homem. Então até hoje sempre dizem o "Polonês" que está expondo...como o ano passado lá em Paris. Bem eu acho...que quando agente tem quarenta e cinco anos naturalizado, já pode ser brasileiro. E no fundo quem é Brasileiro? O índio...o resto é neto de Italiano, ou bisneto de Polonês, ou Alemão...é isso são os brasileiros atuais desse país. Com uma mistura enorme de raças que chegaram do mundo inteiro e agora são brasileiros...Então...não vejo razão após quarenta anos naturalizado, não ser brasileiro. Isso ainda existe muito aqui...muito...e o patriotismo é um pouco provinciano aqui. Só quando tem jogo de futebol que ele carrega a bandeira do Brasil. É isso é uma discussão diferente, sobre esse assunto. Então...a minha escolha não foi uma escolha especificamente, o meu destino de vida em algum lugar e chegar a algum lugar para viver. Mas não é fácil! Querendo fugir do homem, encontrei ainda homem...que não suportava mais homem, quem passa a guerra que eu passei é impossível ainda viver com homem. Então isso é caso de chegar no Brasil.

Adriana - Como você analisa o entendimento de suas obras através da mediação pedagógica em exposições como a realizada no Centro Cultural Banco do Brasil de São Paulo na Exposição Paisagens Ressurgidas em 2003/2004?

Krajcberg - Bem, eu nunca principalmente ultimamente...eu sou artista, eu tô fazendo arte, mas como a minha revolta é tão grande, eu gostaria de pegar esse pedaço de carvão e mostrar: veja! Ontem, foi uma bela vida, ficou um pedaço de carvão. Mas quando eu liberei um campo de concentração húngaro e vi uma montanha de lixo, homens jogados como lixo, então...sem dúvida, a gente deve perguntar: O que é arte? O que pode fazer? Pintar flores! Paisagens ou abstração! Quando a realidade foi perto de mim, não só essa realidade, como foi a realidade na Amazônia, quando vi os cinco...os seis índios pendurados numa árvore. Então eu acho que a revolta voltou muito forte depois da guerra. Eu vi que a vida barbãrie continua. E isolada, mas como exprimir... dizemos...a revolta? Foi só assim: Vê esse pedaço que o fogo ainda deixou, mostrar! Me exprimir... e mostrar a minha revolta. Mas não é fácil! Fazer uma obra ela gritando no meu lugar. Às vezes sai um pouquinho exprimindo a minha revolta, mostrando a destruição da vida, mas não é fácil criar assim. Mas a realidade, tudo o que faço é mostrar a defesa da vida, só isso.

Adriana - Como você vê os espaços públicos como o Projeto Banco do Brasil de São Paulo no evento “Diálogos e Reflexões com Educadores” que houve em 29/11/2003, na divulgação de sua obra e a ênfase na preservação da natureza?

Krajcberg - Bem eu acho que a educação tem uma importância enorme. Acho que vivemos com uma preocupação planetária cada vez mais preocupante, como país que não tem água para beber, os desastres ecológicos cada vez mais violentos e que tem a impressão que a natureza está se vingando do homem...que tá destruindo tanto. Então eu acho que se deve educar e mostrar principalmente para os jovens mesmo...replantar a mata atlântica, que foi quase totalmente destruída e da importância que nós precisamos para respirar, precisamos oxigênio, precisamos viver e precisamos muita coisa que a natureza tem para poder sobreviver neste planeta. Se agente não educa nesse sentido, agente vai ter cada vez mais desastres. Eu vi agora onde eu moro, tinha um vento sul...tinha montanhas de lixo que o mar jogou fora, tudo plásticos. Então eu acho que devia ter uma educação principalmente nas escolas mostrar que o plástico é maior destruição do mar, peixe que nós precisamos. Eu acho que tem uma importância enorme nas escolas se mostrar tudo isso e por isso a educação tem uma importância enorme. Eu agora mesmo no final deste mês (outubro) dia 25 (2006), lá em Teixeira de Freitas no Sul da Bahia vai ter uma semana com estudantes da escola eu vou tá lá o dia todo e mostrar filme e discutir com esses alunos da escola sobre isso. Se a gente não faz isso, eu acho que vamos ter situações piores do que a gente tem. E por isso eu acho que a educação tem importância enorme, principalmente com os jovens, porque os mais velhos não tem consciência...que precisam preservar...é isso. A educação é isso.

Adriana - Você tem conhecimento de que é estudado/pesquisado pela contribuição que suas obras podem dar a educação ambiental? O que você pensa sobre isto?

Krajcberg - É difícil analisar...Porque eu não tô...mesmo querendo participar. Eu não tenho mais idade (85 anos) para isso, mas tem outras pessoas que podiam fazer e educar. Os professores

mesmo, deveriam ser educados para poder educar os outros. Mas eu não tô principalmente nesse sentido trabalhando...e querendo. Mas eu tenho consciência que tem importância enorme. Mas eu mesmo não sinto que posso influir ou fazer melhor...Mas às vezes eu vejo que alguma coisa mexe...com o público em algumas coisas e eu acho que isso é razoável. A gente vive e deve defender a vida nesse planeta.

Adriana - Qual sua maior preocupação atual referente à arte/educação/meio ambiente?

Krajcberg - Eu não tô preocupado, eu tô preocupado com a degradação do planeta. E a grande monte...não é má expressão...é a grande chegada dizemos crescendo da humanidade. Nós chegamos quase a seis bilhões de habitantes nessa Terra. A ONU tá prevendo que nós vamos chegar no final desse século a quatorze bilhões de habitantes. E a gente deve perguntar: Como a gente vai dar comida para esses habitantes? Que maneira que a gente vai viver? Se a gente já tem problemas planetários? E a educação sem dúvida deve ir muito nisso...eu acho, quando vejo um pobre ter dez filhos é quase um crime. E isso é preocupante planetário hoje em dia. Como preocupado também sobre a falta de água e as doenças que se manifestam ultimamente. Que a natureza tá se vingando. É isso. Mas eu não tô lá querendo...a arte ser...ou um artista que está influenciado, que tá fazendo com isso, não... Eu gosto de fazer isso e acho muito,...pra mim mesmo,...é muito importante. Porque isso é a maneira de me exprimir e mostrar pouquinha da minha revolta. E como homem que vive nesse planeta e que vive nesse país eu não tenho direito de não participar. Acho que eu devo participar porque sou homem revoltado nesse sentido. Gostaria muito de lutar pela vida, a injustiças que tem nesse planeta. E eu fico muito preocupado e vendo que a grande culpa de separação homem contra homem são as religiões. Eu acho que eles criaram tudo,...as diferenças,...ser diferente...porque o outro tem outra religião, outro país e eu acho isso o maior absurdo que tem nesse planeta. Separar e não poder todo mundo viver em harmonia, é isso.

Adriana - Quais as principais influências que você recebeu até hoje em sua trajetória para seu trabalho e engajamento se consolidassem?

Krajcberg - Eu acho que eu já me expliquei bastante. Eu não tô fazendo...para fazer arte de mercado. Detesto vender. E quando vendo uma obra é por necessidade de sobrevivência ou continuação de trabalhar e me exprimir. Da minha parte eu faço tudo o que eu poço para mostrar que tem importância o homem viver em harmonia com outros homens e com a outra vida, a natureza. Mas não é fácil, dizemos eu...mostrar principalmente isso. As minhas exposições que faço, eu acho que a minha luta foi mais compreendida na França que aqui no Brasil. Me sinto muito humilhado aqui no Brasil... Muito. Mas eu não sou homem que deixa as mãos caídas...e bem...eu não tô procurando em ser famoso ou subir preços, ou fazer pro mercado, tudo contrário, então muitas vezes sinto um pouquinho jogado. Isso às vezes me revolta um pouquinho, mas não sou homem pra me deixar ir...dizer bem...ao destino e é só isso.

Adriana - Você se considera um educador? Porquê?

Krajcberg - Não, não penso nesse sentido ... um educador. Como já declarei várias vezes aqui e agora eu sou um homem vivo, livre e que tem direito a exprimir a minha revolta, mesmo que seja para mim mesmo, eu acho que eu não posso ser pacífico, não tenho direito de ser

pacífico. Quando a gente vê como homem é brutal, o homem inventa para matar os outros ou dominar os outros, hoje o modernismo é fazer leis para segurar o homem, pra ele não ficar mais violento, porque já passou mesmo o século XX. Nunca se viu um barbarismo igual ao século XX. Quais são os artistas que participaram dessa violência? Quais? Nós temos só um quadro...se chama Guernica de Picasso, só!...O resto tava tudo preso, preso no mercado que tinha no final no século XX. Só o mercado. Só se vendia. Mas arte deve acompanhar a evolução do homem,... senão que arte é? Para o mercado, fazer um objeto...é um outro assunto...e se tem muito. Tem arte primitiva, a arte abstrata, se tem muito,... tudo para exprimir para ter mercado. Então nesse sentido não é meu assunto que você coloca muitas vezes aqui.

Adriana - Quais são as suas sugestões para a educação ambiental, no atual contexto histórico em que vivemos?

Krajcberg - Eu acho...bem, pelas coisas que você tá vendo, logo logo, se continuar assim...como tá fazendo agora na Amazônia...que destrói brutalmente esse lado que a humanidade precisa, que uns acham que pode fazer tudo o que querem. Se o mundo tá preocupado hoje em dia com a Amazônia...Então a Amazônia é um pedaço, sustenta a humanidade, respirar oxigênio, outro lado de habitantes...que tão destruindo, fogo, queima tudo praquê? Para plantar soja transgênica? Quantos milhares de hectares de terra são abandonadas, as florestas dizemos... da mata Atlântica tá completamente destruída... o sul da Bahia, Espírito Santo e Minas foi a floresta mais rica e mais linda do planeta. Foi destruída em cinquenta anos!...Que nós podemos educar nisso? Quando agente tiver situação política agora em nosso país, quando nosso presidente diz na televisão: minha mãe foi analfabeta, meu pai foi analfabeto, eu nunca li um livro na minha vida. Não dá pra compreender...Quem dirige dizemos 180 milhões de habitantes. É isso o que tá acontecendo também com o meio ambiente. Em 2003 o presidente declarou...eu tô sabendo que nesse país entrou de contrabando a soja transgênica. Eu vou deixar cultivar só esse ano. Em 2004 oficializou todo o cultivo de soja transgênica na Amazônia! Isso quer dizer...destruir a Amazônia. Então se a gente dirige um povo de 180 milhões de habitantes dessa maneira...que esperança que a gente tem? Esperar o quê? Educar quem? Como educar? Houve domingo esta discussão na TV...não saiu uma palavra, nem de um nem de outro,... palavra cultura. Parece que nesse país não precisa cultura, então eu me pergunto: como é possível que acontece tanta coisa e um presidente diz eu não ouvi, eu não sabia, e quantos amigos mais íntimos caíram fora? Nós somos todos idiotas! Ah! É isso. Como você pode educar um jovem, ser educador, quando você tem leis para calar a boca, para você não ver, para isso...Não é fácil! Eu acho que quem é culpado é o povo. A mim machuca muito essa passividade nesse país. A passividade é tão grande, que machuca muito. Agente vê isso dia-a-dia. Como tá acontecendo com todo mundo às vezes não contente mas...assim...deixa, acontecer mais. É lamentável isso...Aí você percebe que as montanhas de lixo do mar não vem sozinhas porque deixam fazer. Num lugar que o presidente compra um avião novo, ele não sai do avião! Quanto custa a gasolina? E pior...no lugar de plantar mais feijão, mais arroz para diminuir o preço para o povo, não...quanto mais imposto sobe mais planta soja transgênica. É loucura isso! Não dá para compreender mais nada. E o país tá crescendo...me lembro faz quanto...poucos anos, ...tinha 35 milhões de habitantes no Brasil, hoje tem 180 milhões. E a estrutura foi feita para este povo que nasceu mais? Não. E os índios? Mais matados...Dois anos atrás eu tava em Porto Velho na

rua eu comecei a chorar, vendo famílias de índios morando em baixo do banco na rua e pedindo esmolas para comer...que foram jogados das terras deles. Como agüentar isso? Ah! O povo tá passivo! Então, às vezes eu não compreendo mais nada. Eu tento me acalmar...mesmo... porque se não a gente não agüenta. Tem tanta coisa que agente vê de injustiças que estão passando, que agente pode fazer? Dizer assim mesmo calma?...Esquece?...Não vejo mais? Fazer o quê? Não sou eu que vou mudar qualquer coisa e logo, logo... nós vamos construir museus de árvores. Pra mostrar os jovens das escolas uma árvore se chama Pau do Brasil. Mato Grosso devia mudar o nome porque nem mato fino mais existe. E o Brasil também. Tudo destruído! Essas árvores que é símbolo desse país foi tudo liquidado e os jovens para ver uma árvore precisarão ir a um museu. Eu me pergunto: É justo viver nesse sistema? E acompanhar com passividade o que está acontecendo com tanta gente? Então eu tô fazendo tudo isso para me acalmar e dizer...Não adianta você se liquidar sozinho. Porque a gente não é nada nesse sistema que existe, as leis que praticam para nos segurar, não olha para cima, olha para baixo, não vai à esquerda, vai à direita e assim vai. Então a estrutura da educação e mesmo as suas perguntas não deviam ser mais...porque não é isso, educar. Claro que precisa, mas que maneira educar quando tudo tá tão baixo? Que é tão difícil com tanto peso que tem para destruir a vida nesse planeta. Não é fácil levantar e carregar e dizer vive a vida bem! Respira bem! Olha bem! Que belezas, olha a vida nesse planeta, que a vida não é só homem, vida é harmonia com os outros e com a natureza. Mais como muda isso? Por isso eu acho que a entrada do vazío político, por isso nós estamos no vazío absoluto, que tudo é válido. É isso o que tá acontecendo. Nas minhas participações no mundo quando os cientistas falam sobre assunto planetário é assustador! Nós precisamos pegar consciência que não temos direito ser pacíficos, precisamos olhar e dizer, nós temos direito de viver, nascemos, somos seres humanos, vivos e temos direito de viver e ninguém tem direito de excluir tanta vida e tanta beleza que a gente precisa, não só para respirar. Tanta beleza de riquezas e flores e árvores e um movimento maravilhoso. Eu quando vi o primeiro movimento de manguezais eu disse: Não é possível! Como homem pode captar tanto movimento que esses manguezais têm? E foi na época...quando eu descobri, foi na época do tachismo que se jogava tintas...que se fazia tudo. Quando eu vi tanta riqueza de movimento eu disse: Somos muito burros! A gente não inventa nada, a gente cria mais vazios para fazer um objeto para o mercado, só isso, quando digo temos só um quadro mostrando a barbaridade do século XX se chama Guernica de Picasso, onde estão? Onde estavam?...Tantos artistas do mundo inteiro! Então eu acho as perguntas de você...deveria ser um pouquinho mais real, mais contudente, mais real principalmente. Educar o que? A gente tá completamente num vazío absoluto com as mãos em baixo... a gente vê um filho matar a mãe porque não sei o quê, uma violência que tem nesse país...Um jovem na rua ao meio dia, uma hora me diz: Me dá dinheiro se não dou uma bala!...E dá a bala. Entra na prisão...um ano depois sai e tá de novo na rua. Não dá para compreender mais nada! Aí você se vê que não só educar, precisamos fazer todo possível pra dar consciência, nós não temos direito de ser pacíficos. É isso o que está acontecendo. Então...com toda passagem que eu tenho da vida...eu me exprimo, se isso é válido ou não,...mais pra mim é muito válido. É isso que faço, meu trabalho é isso. Querendo mostrar minha revolta, gritar com meu trabalho, mas não é fácil...Fazer um trabalho que grita no meu lugar...então...eu acho que é isso.

Adriana - Qual seu percurso como estudante?

Krajcberg - Veja aqui neste país, quando o Collor...fez coisas que não devia fazer enquanto foi presidente, os jovens tavam politicamente ainda depois da ditadura movimentada, fizeram manifestações de que ele devia abandonar o poder. Hoje em dia eu acho que perto do Lula, o Color foi um anjo...Onde estão esses jovens? Observa bem onde estão. Principalmente a música, a dança é quem grita mais alto, observa bem, as palavras são todo mundo igual: me dá um beijo, me abraça e sei o quê...Você percebe que é tudo igual nesse sentido...ninguém canta: rouba menos nosso dinheiro, isso ninguém canta! Você vê esse fenômeno e percebe que vazio que a gente vive é isso.

Adriana - Gostaria que o senhor falasse a respeito do Museu Ecológico Frans Krajcberg.

Krajcberg - Olha, vai fazer oito anos quase...que eu ofereci a cidade de Curitiba 110 esculturas. Um pedaço da minha vida de trabalho, de luta enorme...mas como foi esta época a cidade ecologicamente, uma cidade mais evoluída no mundo, eu achei que esse espaço que eu vou criar, ela vai movimentar com as escolas, com estudantes, no espaço Paris. Aqui hoje tem vários projetos de espaço. Belo Horizonte, Ouro Preto, Rio de Janeiro, Jardim Botânico e no Ibirapuera (SP), mais eu fiquei chocada com a atitude porque cada vez que troca um prefeito, eles fazem como querem. Só falta agora nesse momento que tô muito revoltado, quero que fechem... quero que devolvam os trabalhos, porque assim não pode. Tava abandonado meus trabalhos. Muitos trabalhos arrebatados, pegaram tinta e repintaram como eles querem. E para isso tem leis internacionais que ninguém tem o direito de tocar numa obra de arte e ainda dizendo: Nós vamos colocar a polícia e você não vai poder nem entrar nesse espaço. Eu me pergunto: Como fazer para poder ainda dar meus trabalhos para outros espaços? E vai ter muita luta, eles não vão devolver. Só falta dizer para esse prefeito atual: Jogam tudo no lixo, tudo é possível. Que pedaço da minha vida, de trabalho e luta que ofereci a essa cidade? Quando fui lá a dois meses atrás (Agosto/2006) eu fiquei revoltado. Eu tô agora denunciando... quero de volta meus trabalhos! E não vai ser fácil. Então...Pergunto como a gente pode ficar passivo e olhar o que está acontecendo? Podemos? O que tá acontecendo agora, como posso dar trabalhos para outros lugares? Vai mudar tudo.

Adriana - Eu estive lá no ano passado com alunos da Universidade de Sorocaba regressando do Congresso Ibero Americano de Educação Ambiental que ocorreu em Joinville e passamos no Jardim Botânico para conhecer o Espaço Cultural Frans Krajcberg. Não nos foi dada muita atenção e o local aparentemente não estava muito cuidado.

Krajcberg - Tava abandonado!

Adriana - Quanto as obras não observei porque não temos o conhecimento, mas quanto aos catálogos tive que solicitá-los pois não estavam à mostra. O atendimento foi ruim....

Krajcberg - Tava abandonado, tá tudo abandonado! Tem uma palma grande ela tá assim e volta assim, se cair mata se cair no aluno... e ela tem possibilidade de cair a qualquer hora. Eu pedi para levar de volta para trabalhar neles, não me entregam. Então agora chego a conclusão que quero que fechem esse espaço. Mas como...eles acham que todos os juizes de Curitiba vão ficar contra mim. Eu pedi um dia que me paguem um real? Aí está!

Adriana - Não deveria ser cobrada a visitação.

Krajcberg - Foi doado! Foi doado para movimentar ecologicamente e não fizeram nada!

Adriana - Várias pessoas reclamaram quanto ao pagamento e queriam ter acesso ao local...

Krajcberg - Então eu espero que essa vez, se não vai ter leis oficiais, dizemos que cada estado aprovado pelo poder para guardar os trabalhos, movimentar ecologicamente tudo, eu não vou dar mais nenhum trabalho e acabou! Essa foi uma lição muito violenta para mim. Eu não posso mais continuar assim e ser pacífico. Então hoje, foi a primeira vez que falei na televisão na Ana Maria Braga. E já telefonaram... não é justo isso, nós não vamos entregar. Porque não manda aqui um ajudante dele para fazer. Então eles mesmos se contradizem, é provado que os trabalhos estão machucados. E com que direito eles tem de destruir meus trabalhos? É isso o que tá acontecendo e é revoltante! Amanhã cedo tem outra vez entrevista no Globo News parece que vai ter duas horas. Ana Maria hoje foi decepcionante. Cheguei aqui e acho que não devia. Hoje vão me entregar o prêmio a noite, porque eu vivo na árvore como Tarzan e eles me escolheram para dar um prêmio às oito e meia.

Adriana - Referente as minhas perguntas o senhor esperava mais. Então, o que o senhor gostaria de dizer ou colocar em discussão que não foi questionado?

Krajcberg - As suas perguntas são normalmente que se vê de muito professor. Educar as crianças e tudo isso não depende do professor depende do sistema do país em que ele está. Você deve compreender que a palavra cultura não existe e eu nunca vi nos presidentes declarar a cultura e tudo isso. Não é fácil você falar de educação ou outras coisas porque a estrutura não quer saber disso. Aqui você percebe o país aumentou 10%, onde pega esses 10%? É inventado? Pode ser que o país melhorou 20% mas porquê? Onde ele pega, de que maneira que o país melhorou 10%? Houve pesquisa? Claro que não. É tudo dizemos... uma maneira de dominar, achando que os outros são idiotas. Agora como melhorar tudo para dar mais consciência para uma nova geração. Então eu acho que isso devia chegar dos professores mesmo. Porque pra fazer leis, não vão fazer. Então eu acho que o professor mesmo deve ser educado, para ser professor e compreender que ele deve mudar o ambiente de estudos e dar consciência para nova geração. Tá tudo errado e eu acho que as escolas deveriam dar mais a visão mesmo tecnológica de tudo isso que vem politicamente. Não sei, ninguém fala do novo século... como entrar, o que vai acontecer com a evolução? Vai acontecer de novo violência, já tá. Eu nunca vi o Brasil com tanta violência como agora e não faz nada! Não é construir prisões,... construir fábricas ou outras coisas para dar trabalho para esse povo. Se ele não tem trabalho, não tem como comer, fica violento, se defende. E isso deveria mudar. Eu acho que depende nem tanto de dirigentes que dizem que nunca leram um livro na vida deles, depende de educadores que educam as crianças. Eles mesmo também, abrem a porta e dizer vamos entrar nesse novo século com outra mentalidade. Uma visão justa que tá acontecendo nesse planeta e ir na rua mesmo. Uma criança de cinco anos podia ir na rua e dizer não destrói a minha flor ou minha árvore que gosto tanto, devia ter isto! Não tem! Então como você quer dar educação e como dar consciência para uma nova geração se o professor não se interessa por isso? Então eu acho que tem muita coisa errada. Mas as perguntas às vezes mais parecem um academismo de per-

guntas de coisas. Como educar? Isto não é fácil de responder mais se cada professor falar dez palavras sobre a vida vegetal, sobre a beleza que tem, isso aumenta a visão das crianças vai chegar um momento ele vai olhar melhor a árvore, melhor a flor, descobrir...Eu tô preparando agora um livro mostrando quantos detalhes, a beleza que tem a flor, que a gente não é acostumado a ver! A gente vê a flor... mas olha de perto, ela tem uma coisa que tem um movimento por dentro dela mesma e é isso que quero mostrar! Coisas que você não gosta, não possa ver, não entende, é este assunto que tem nessa beleza de vida que chama flor! É assim. Isso que posso te dizer obrigado.

Observação: A transcrição da entrevista observou como critério único a fidelidade às palavras e ao modo de expressão do entrevistado, mesmo naqueles casos em que há transgressão, segundo o que estabelece a norma culta, no uso da língua.